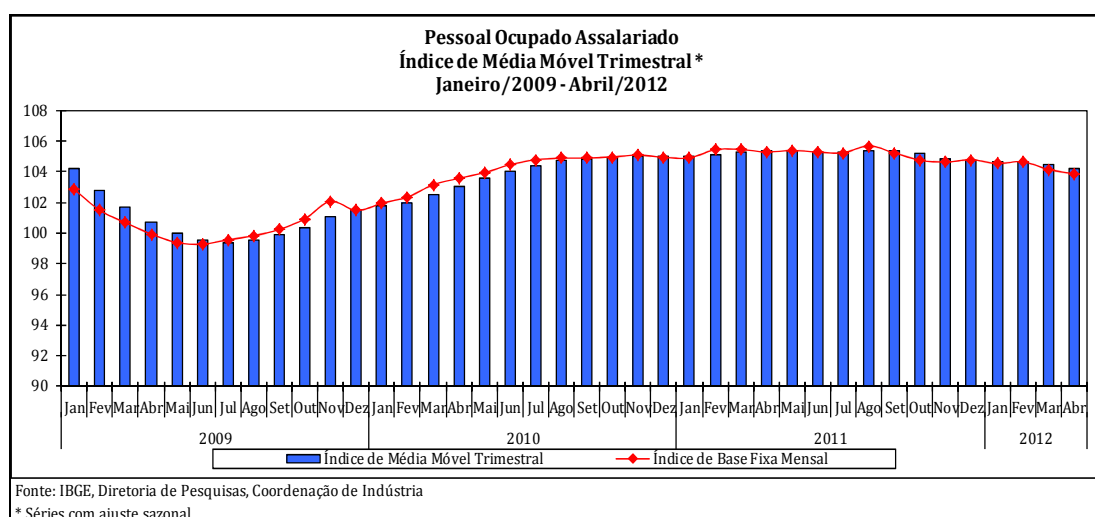


COMENTÁRIOS

PESSOAL OCUPADO ASSALARIADO

Em abril de 2012, o total do pessoal ocupado na indústria mostrou variação negativa de 0,3% frente ao mês imediatamente anterior, na série livre de influências sazonais, segundo resultado negativo consecutivo nesse tipo de comparação, acumulando nesse período perda de 0,8%. Ainda na série com ajuste sazonal, o índice de média móvel trimestral, ao assinalar variação de -0,2% na passagem dos trimestres encerrados em março e abril, permaneceu com o comportamento predominantemente negativo presente desde outubro do ano passado.



Na comparação com igual mês do ano anterior, o emprego industrial mostrou queda de 1,4% em abril de 2012, sétimo resultado negativo consecutivo nesse tipo de confronto e o mais intenso desde dezembro de 2009 (-2,4%). O índice acumulado no primeiro quadrimestre de 2012 apontou recuo de 0,9% e intensificou o ritmo de queda frente ao observado no último quadrimestre do ano passado (-0,2%), ambas as comparações contra igual período do ano anterior. A taxa anualizada, indicador acumulado nos últimos doze meses, ao registrar -0,1% em abril de 2012, assinalou o primeiro resultado negativo desde julho de 2010 e prosseguiu com a redução no ritmo de crescimento iniciada em fevereiro de 2011 (3,9%).

No confronto com igual mês do ano passado, o emprego industrial recuou 1,4% em abril de 2012, com o contingente de trabalhadores apontando

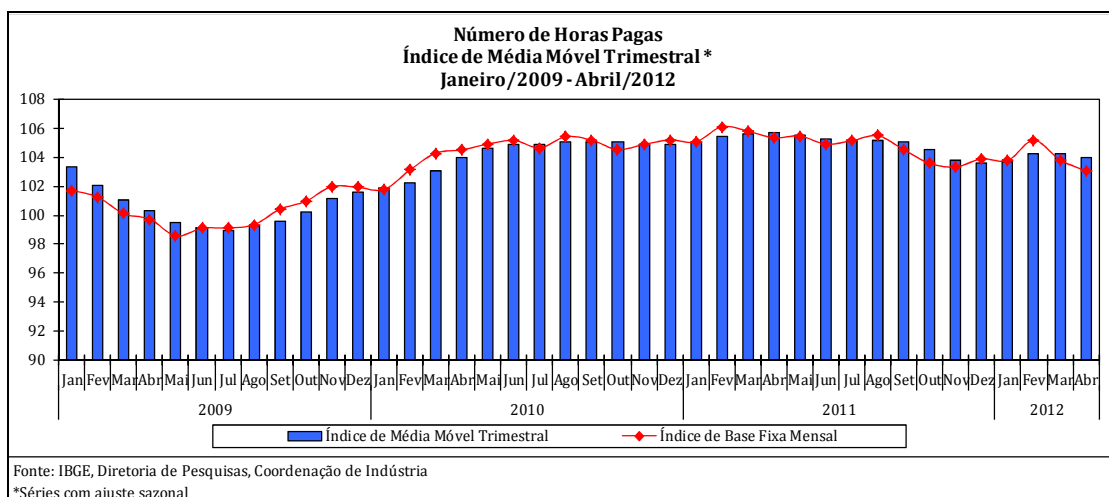
redução em nove dos quatorze locais pesquisados. O principal impacto negativo sobre a média global foi observado em São Paulo (-3,6%), pressionado em grande parte pelas taxas negativas registradas em treze dos dezoito setores investigados, com destaque para a redução no total do pessoal ocupado nas indústrias de produtos de metal (-14,3%), metalurgia básica (-18,3%), máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (-7,8%), têxtil (-9,3%), papel e gráfica (-5,4%), vestuário (-6,3%), borracha e plástico (-4,4%) e meios de transporte (-2,5%). Vale citar também os resultados negativos assinalados por Região Nordeste (-2,5%), Ceará (-3,6%), Bahia (-3,7%) e Santa Catarina (-1,2%), com o primeiro influenciado pelas quedas nos setores de vestuário (-9,1%), calçados e couro (-6,5%) e têxtil (-10,8%), o segundo por conta das perdas registradas em vestuário (-7,6%), calçados e couro (-4,7%) e têxtil (-8,9%), a indústria baiana pressionada pelas reduções vindas de calçados e couro (-12,9%), alimentos e bebidas (-6,8%) e outros produtos da indústria de transformação (-24,7%), e o último em função dos recuos no pessoal ocupado nas indústrias de vestuário (-8,5%) e de madeira (-14,9%). Por outro lado, Paraná (4,1%) e Minas Gerais (1,1%) apontaram as principais contribuições positivas sobre o emprego industrial do país. Na indústria paranaense, as maiores influências positivas vieram dos setores de alimentos e bebidas (11,4%) e de máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (38,3%), enquanto no setor industrial mineiro sobressaíram indústrias extrativas (8,0%), metalurgia básica (5,3%) e produtos de metal (5,4%).

Setorialmente, ainda no índice mensal, o emprego industrial recuou em treze dos dezoito ramos pesquisados, com destaque para as pressões negativas vindas de vestuário (-7,9%), produtos de metal (-5,6%), têxtil (-6,2%), calçados e couro (-5,3%), papel e gráfica (-3,9%), madeira (-8,6%) e borracha e plástico (-3,4%). Por outro lado, os principais impactos positivos sobre o total da indústria foram observados nos setores de alimentos e bebidas (3,4%), máquinas e equipamentos (3,0%), indústrias extrativas (4,4%) e máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (2,0%).

No índice acumulado nos quatro primeiros meses de 2012 o emprego industrial permaneceu em queda (-0,9%), com taxas negativas em oito dos quatorze locais e em onze dos dezoito setores investigados. Entre os locais, São Paulo (-3,2%) apontou o principal impacto negativo no total da indústria, vindo a seguir Região Nordeste (-1,7%), Santa Catarina (-1,3%), Ceará (-3,3%) e Bahia (-2,5%). Por outro lado, Paraná (4,0%), Minas Gerais (1,7%) e Região Norte e Centro-Oeste (0,8%) exerceram as maiores pressões positivas. Setorialmente, as contribuições negativas mais relevantes sobre o total da indústria vieram de vestuário (-6,8%), produtos de metal (-5,5%), calçados e couro (-6,6%), têxtil (-5,3%), madeira (-9,8%), borracha e plástico (-4,0%) e papel e gráfica (-3,8%), enquanto os setores de alimentos e bebidas (4,1%), máquinas e equipamentos (2,6%), indústrias extrativas (4,6%), máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (2,0%) e meios de transporte (1,3%) responderam pelos principais impactos positivos.

NÚMERO DE HORAS PAGAS

Em abril de 2012, o número de horas pagas aos trabalhadores da indústria, já descontadas as influências sazonais, recuou 0,8% frente ao mês imediatamente anterior, segunda taxa negativa consecutiva, acumulando nesse período perda de 2,0%. Com isso, ainda na série com ajuste sazonal, o índice de média móvel trimestral apresentou variação negativa de 0,2% no trimestre encerrado em abril frente ao patamar do mês anterior, após ficar estável em março (0,0%).



Na comparação com igual mês do ano anterior, o número de horas pagas mostrou, em abril de 2012 (-2,1%), a oitava taxa negativa consecutiva nesse tipo de confronto e a mais intensa desde novembro de 2009 (-3,1%). O índice acumulado no primeiro quadrimestre do ano (-1,4%) também ficou negativo e apontou ritmo de queda ligeiramente acima do observado no último quadrimestre de 2011 (-1,3%), ambas as comparações contra igual período do ano anterior. A taxa anualizada, índice acumulado nos últimos doze meses, ao assinalar recuo de 0,8% em abril de 2012, permaneceu com a trajetória descendente iniciada em fevereiro de 2011 (4,5%).

Em abril de 2012, o número de horas pagas recuou 2,1% no confronto com igual mês do ano anterior, com taxas negativas em doze dos quatorze locais e em quatorze dos dezoito ramos pesquisados. Em termos setoriais, as principais influências negativas vieram de vestuário (-8,0%), têxtil (-7,1%), produtos de metal (-4,8%), calçados e couro (-4,6%), borracha e plástico (-3,6%), papel e gráfica (-3,7%) e metalurgia básica (-5,3%). Em sentido contrário, máquinas e equipamentos (2,3%) exerceu a contribuição positiva mais relevante sobre o total da indústria, vindo a seguir alimentos e bebidas (0,8%) e indústrias extrativas (3,9%).

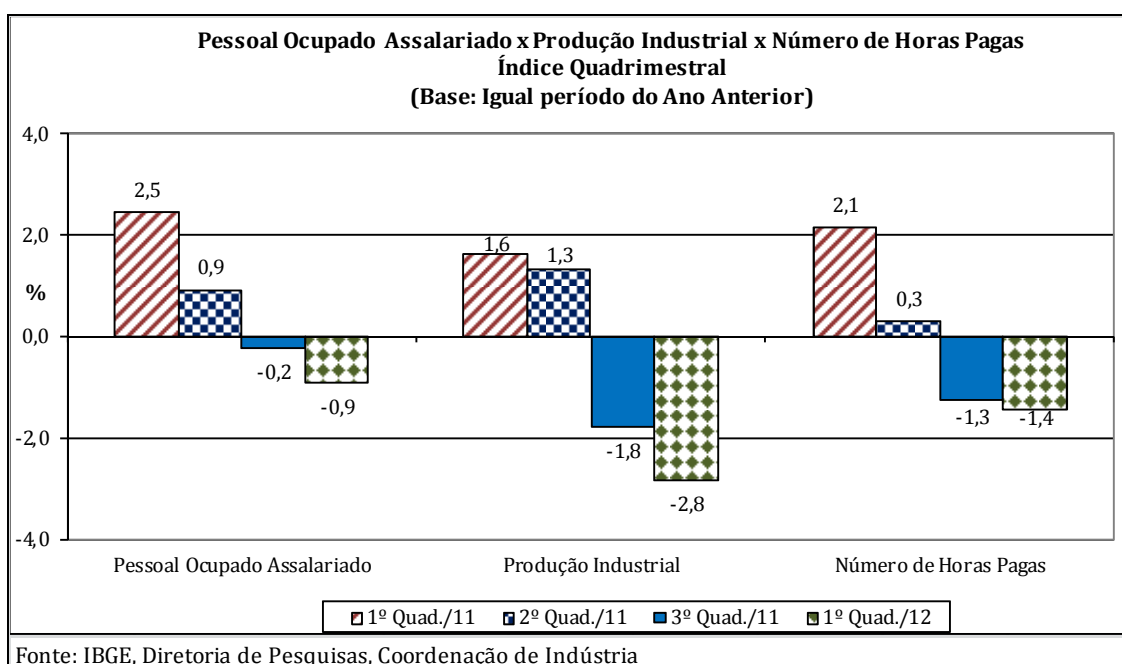
Entre os locais, ainda na comparação com igual mês do ano anterior, São Paulo (-4,5%) apontou a principal influência negativa sobre o total do país, pressionada em grande parte pela redução no número de horas pagas nos setores de produtos de metal (-11,9%), metalurgia básica (-22,7%), máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (-8,7%), têxtil (-10,4%) e meios de transporte (-4,0%). Vale mencionar também os impactos negativos vindos da Região Nordeste (-2,3%), em função, principalmente, dos recuos registrados em vestuário (-8,8%), têxtil (-9,8%) e calçados e couro (-3,3%); Santa Catarina (-2,5%), devido, sobretudo, à retração verificada em vestuário (-10,9%), madeira (-15,7%) e têxtil (-5,8%); Rio Grande do Sul (-2,0%), pressionado, em grande medida, pelos recuos vindos de calçados e couro (-10,8%), alimentos e bebidas (-2,7%) e borracha e plástico (-8,1%); e Bahia (-3,8%), explicado, especialmente, pelas quedas observadas em calçados e couro (-13,8%), outros produtos da indústria de transformação

(-25,0%) e alimentos e bebidas (-5,2%). Por outro lado, Minas Gerais (1,6%) e Paraná (1,9%) exerceram as contribuições positivas no total do número de horas pagas, impulsionados em grande parte pelas expansões vindas dos setores de produtos de metal (7,7%), metalurgia básica (6,5%), meios de transporte (3,7%), minerais não metálicos (5,5%), alimentos e bebidas (1,9%) e indústrias extrativas (4,7%), no primeiro local, e de máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (34,6%) e alimentos e bebidas (4,9%), no último.

No índice acumulado dos quatro primeiros meses de 2012 houve recuo de 1,4% no número de horas pagas, com doze dos dezoito setores pesquisados apontando taxas negativas. Os impactos negativos mais relevantes na média global da indústria foram verificados nos ramos de vestuário (-7,2%), produtos de metal (-5,3%), calçados e couro (-6,4%), têxtil (-5,7%), madeira (-9,4%), borracha e plástico (-3,8%) e papel e gráfica (-3,7%). Em sentido oposto, o setor de alimentos e bebidas (2,7%) exerceu a principal contribuição positiva, seguido por máquinas e equipamentos (2,8%) e indústrias extrativas (4,4%). Em nível regional, onze dos quatorze locais apresentaram taxas negativas, com destaque para o recuo de 3,7% registrado por São Paulo, vindo a seguir as perdas de Santa Catarina (-2,2%), Região Nordeste (-1,0%), Bahia (-2,8%) e Rio Grande do Sul (-0,9%). Em contrapartida, Minas Gerais (2,0%), Paraná (1,8%) e Pernambuco (1,8%) assinalaram as taxas positivas no índice acumulado do primeiro quadrimestre de 2012.

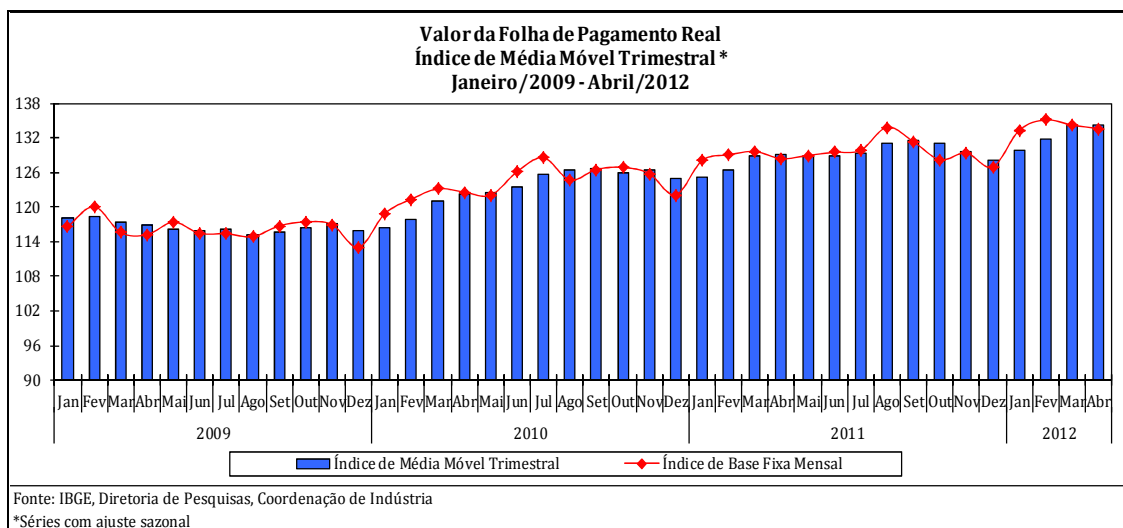
Em síntese, o emprego industrial e o número de horas pagas na indústria, em abril de 2012, apontaram pelo segundo mês seguido resultado negativo frente ao mês imediatamente anterior, refletindo em grande parte o menor dinamismo que marca a produção industrial nos últimos meses. A evolução do índice de média móvel trimestral reforça esse quadro de menor intensidade no mercado de trabalho do setor industrial, já que esse indicador permanece com o comportamento predominantemente negativo desde o último trimestre do ano passado. Na comparação com igual mês do ano anterior, o pessoal ocupado assalariado e o número de horas pagas na

indústria prosseguiram em abril de 2012 assinalando taxas negativas, com ambos apontando as perdas mais intensas desde, respectivamente, dezembro e novembro de 2009. Com isso, o índice acumulado no primeiro quadrimestre de 2012 intensificou o ritmo de queda frente ao resultado do último quadrimestre do ano passado, ambas as comparações contra igual período do ano anterior, tanto no total do pessoal ocupado assalariado, que passou de -0,2% para -0,9%, como no número de horas pagas (de -1,3% para -1,4%), acompanhando o movimento de redução também verificado na produção industrial (de -1,8% para -2,8%).



FOLHA DE PAGAMENTO REAL

Em abril de 2012, o valor da folha de pagamento real dos trabalhadores da indústria ajustado sazonalmente recuou 0,5% frente ao mês imediatamente anterior, segunda taxa negativa consecutiva, acumulando nesse período perda de 1,1%. Ainda na série com ajuste sazonal, o índice de média móvel trimestral apontou ligeira variação positiva (0,1%) entre os trimestres encerrados em março e abril, com clara redução no ritmo de crescimento frente aos resultados de janeiro (1,3%), fevereiro (1,5%) e março (1,8%).



No confronto com igual mês do ano anterior, o valor da folha de pagamento real cresceu 4,2% em abril de 2012, vigésimo oitavo resultado positivo consecutivo nesse tipo de comparação. O índice acumulado no primeiro quadrimestre de 2012 apontou avanço de 4,5%, acelerando o ritmo de crescimento frente ao observado no último quadrimestre do ano passado (2,8%), ambas as comparações contra igual período do ano anterior. A taxa anualizada, índice acumulado nos últimos doze meses, ao crescer 3,8% em abril de 2012, prosseguiu com a redução no ritmo de crescimento iniciada em maio de 2011 (7,3%).

Na comparação com igual mês do ano anterior, o valor da folha de pagamento real apontou expansão de 4,2% em abril de 2012, com resultados positivos nos quatorze locais investigados. As maiores influências sobre o total nacional foram verificadas em Minas Gerais (9,7%) e no Rio de Janeiro (13,0%), impulsionados em grande parte pelo aumento no valor da folha de pagamento real nos setores de meios de transporte (25,2%), indústrias extrativas (17,3%), máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (12,9%), alimentos e bebidas (5,7%), produtos de metal (8,6%) e máquinas e equipamentos (11,2%), no primeiro local, e de papel e gráfica (94,4%), por conta principalmente do pagamento de participação nos lucros e resultados em importante empresa do setor, e em menor escala, de meios de transporte (13,2%) e indústrias extrativas (7,6%), no segundo. Vale citar também os avanços verificados no Paraná (9,1%), Região Nordeste (5,3%),

Região Norte e Centro-Oeste (6,6%) e Rio Grande do Sul (5,2%). Nestes locais, as atividades que mais contribuíram positivamente para o aumento do valor da folha de pagamento real foram: máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (37,9%), meios de transporte (11,7%) e alimentos e bebidas (9,1%), na indústria paranaense, alimentos e bebidas (6,4%), indústrias extrativas (9,3%), produtos químicos (9,6%) e minerais não metálicos (7,8%), no setor industrial nordestino; alimentos e bebidas (12,7%), indústrias extrativas (14,9%) e máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (8,7%), na Região Norte e Centro-Oeste; e máquinas e equipamentos (13,2%), meios de transporte (7,4%) e alimentos e bebidas (5,7%), no setor industrial gaúcho.

Setorialmente, ainda no índice mensal de abril de 2012, o valor da folha de pagamento real no total do país cresceu em onze dos dezoito setores investigados, com destaque para máquinas e equipamentos (9,4%), alimentos e bebidas (6,6%), meios de transporte (6,2%), papel e gráfica (11,6%) e indústrias extrativas (10,5%). Por outro lado, borracha e plástico (-3,2%), vestuário (-3,6%), produtos de metal (-1,9%) e calçados e couro (-3,8%) exerceram os maiores impactos negativos sobre o total da indústria.

No indicador acumulado nos quatro primeiros meses de 2012, o valor da folha de pagamento real cresceu 4,5%, com taxas positivas em todos os locais investigados, com destaque para Minas Gerais (9,2%) e Paraná (11,4%), sustentados em grande parte pelos ganhos assinalados nos setores extrativos (24,9%), meios de transporte (9,8%), alimentos e bebidas (7,1%), máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (13,6%) e minerais não metálicos (15,8%), no primeiro local, e de alimentos e bebidas (17,0%), meios de transporte (16,8%) e máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (36,6%), no segundo. Vale mencionar também as contribuições vindas da Região Nordeste (6,6%), Região Norte e Centro-Oeste (8,3%), Rio de Janeiro (7,2%) e São Paulo (0,8%). Nestes locais, as atividades que mais influenciaram positivamente foram, respectivamente, alimentos e bebidas (9,9%) e produtos químicos (12,3%); alimentos e bebidas (14,0%), indústrias

extrativas (22,1%) e máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (15,6%); indústrias extrativas (13,0%), meios de transporte (8,2%) e alimentos e bebidas (11,3%); e máquinas e equipamentos (8,9%) e alimentos e bebidas (6,6%).

Setorialmente, ainda no índice acumulado no ano, o valor da folha de pagamento real avançou em doze das dezoito atividades pesquisadas, impulsionado, principalmente, pelos ganhos vindos de alimentos e bebidas (9,6%), indústrias extrativas (16,0%), máquinas e equipamentos (7,4%), meios de transporte (5,2%), minerais não metálicos (5,5%) e refino de petróleo e produção de álcool (8,3%). Por outro lado, os setores de calçados e couro (-4,6%), madeira (-5,4%), vestuário (-1,9%) e produtos de metal (-1,1%) exerceram as maiores influências negativas sobre o total nacional.